

MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS NO ÂMBITO DO CURSO DE EXTENSÃO “SEXUALIDADE INFANTIL E RELAÇÕES DE GÊNERO”

Sandro Prado Santos¹
Danielly Ferreira Dias²

RESUMO: O presente trabalho é resultante de pesquisa desenvolvida, no âmbito de um projeto de extensão, com professoras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Ituiutaba, Minas Gerais, para as quais foi oferecido um curso de formação continuada de 40 horas, tendo como objetivo principal contribuir para o debate e aprimoramento da formação em torno da sexualidade infantil e das relações de gênero no contexto escolar. Nos encontros finais, as professoras elaboraram uma narrativa a partir da sua própria experiência e trajetória no curso, configurando-se em um memorial que foi analisado segundo a técnica de Análise de Conteúdo. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa foi desvelar as reflexões, dificuldades e contribuições do curso de extensão na prática pedagógica. Os resultados mostraram que as professoras reconhecem que as práticas no contexto escolar estão permeadas de questões da sexualidade e relações de gênero causando dúvidas, dificuldades e resistências dentro da escola. As professoras mencionaram que o curso de extensão possibilitou-lhes refletir suas práticas pedagógicas, em alguns casos (re)significando-as e, assim, constituindo-se em um espaço de reflexão valorizado em sua formação continuada.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada. Sexualidade. Relações de gênero. Extensão.

Memories of teachers in the path of the course extension “Child sexuality and gender relationships”

ABSTRACT: This paper is the result of research carried out within the framework of an extension project, with teachers of kindergarten and early elementary school years of municipal public Ituiutaba, Minas Gerais, for which he was offered a training course continued 40 hours, with the aim of contributing to the debate and improvement of training around Child Sexuality and Gender Relations in the school context. In the final meetings of the extension, the teachers developed a narrative on their own experience and trajectory in the course, setting up a memorial which was analyzed according to the technique of content analysis. In this context, the research aimed to reveal the thoughts, problems and contributions of the extension course in the classroom. The results showed that the teachers recognize that the practices in the school context are permeated with issues of sexuality and gender relations causing doubts, difficulties and strengths within the school. The teachers mentioned that the extension course possible to reflect their teaching practices, in some cases (re) signifying them and thus constituting a valuable opportunity for reflection on their continuing education.

KEYWORDS: Continuing education. Sexuality. Gender relations. Extension.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, professor do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (sandroprado@pontal.ufu.br).

² Acadêmica do curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (daniellyferreira001@hotmail.com).

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultante de uma pesquisa em interface com um Projeto de Extensão intitulado “Sexualidade Infantil e Relações de Gênero: desafios e possibilidades no contexto escolar”, vinculado ao Edital PEIC/UFU/Uberlândia/Pontal – 053/2010 e financiado pela Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX), sob a coordenação de professores do curso de Ciências Biológicas, área de Educação, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP).

O projeto foi desenvolvido com professoras da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública do município de Ituiutaba, Minas Gerais, para as quais foi oferecido um curso de formação continuada de 40 horas. Desenvolvido na Secretaria Municipal de Educação / Centro Municipal de Assistência Pedagógica e Aperfeiçoamento Permanente de Professores (CEMAP), teve como objetivo contribuir para o debate e aprimoramento na formação docente em torno da sexualidade infantil e das relações de gênero.

Nos encontros finais do projeto de extensão, as professoras elaboraram uma narrativa com sua própria experiência e trajetória no curso, configurando-se em um memorial, analisado segundo a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010). O objetivo do trabalho foi desvelar as reflexões, dificuldades e contribuições do curso de extensão na prática pedagógica. Ressaltamos que os nomes das professoras são fictícios, como forma de garantir a ética e o anonimato dos sujeitos envolvidos.

Contextualização do projeto “Sexualidade Infantil e Relações de Gênero: desafios e possibilidades no contexto escolar”

O projeto “Sexualidade Infantil e Relações de Gênero” é resultado de uma articulação entre a faculdade de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX) e Secretaria Municipal de Educação de Ituiutaba.

No âmbito do projeto, foi desenvolvido o curso de extensão que visava à formação continuada de docentes em torno das discussões sobre sexualidade infantil e relações de gênero no contexto escolar. A abordagem das temáticas propostas teve, além do objetivo principal mencionado, objetivos específicos, tais como: incentivar a troca de saberes e experiências entre os docentes do Ensino Superior e da Educação Básica; articular temáticas da sexualidade infantil e das relações de gênero, subsidiando reflexões acerca das diversas possibilidades, teóricas e práticas de atuação profissional no cotidiano escolar; compreender a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos a essas temáticas, garantindo a dignidade do ser humano. O curso desenvolveu-se de abril a novembro de 2011, envolvendo profissionais das escolas públicas da rede municipal, urbanas e rurais, de Ituiutaba/MG.

A fundamentação pedagógica da proposta teve como objetivo formar uma profissional que esteja aberta à atualização permanente, capaz de aprender autonomamente e de interagir campos do conhecimento, com habilidade para dialogar teoria e prática, com iniciativa de enfrentar e

resolver problemas e com capacidade de trabalhar em equipe (MORIN, 1991; FREIRE, 1997).

Foram oferecidas 34 vagas, levando-se em consideração o interesse e as condições de oferecimento do curso. Entretanto, finalizaram o curso apenas 12 professoras por motivos diversos, como: impossibilidade de frequentar todos os encontros, incompatibilidade de dias e horários, questões religiosas, intolerância e resistência ao tema, como apontado no memorial:

Muitas colegas não terminaram o curso por resistência ao tema o que eu acho uma pena, pois é a realidade que nossa educação hoje vive professores que não querem estudar, que são os donos do saber, que não estão dispostos a se abrirem para os novos conhecimentos, e o mais difícil é que tudo isso vai refletir na vida de nossos alunos (Líria, 2011).

Nesse mesmo sentido, uma professora destaca: “É uma pena que a maioria dos educadores não tenha participado. Espero que tenha mais cursos dessa natureza e quem não participou venha participar” (Rosa, 2011).

De acordo com Cruz (2003), a educação sexual no âmbito da Educação Infantil pode se configurar como um espaço privilegiado para articular o debate dessas áreas de conhecimento com a temática da infância. O desenvolvimento deste campo de estudos pode contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Infantil, diminuindo a perspectiva “adultocêntrica”, no sentido de percebermos que “as crianças” são meninos e meninas com direito à própria sexualidade.

O curso foi organizado em 13 encontros quinzenais, objetivando estudar, refletir, discutir e analisar os conhecimentos e saberes que envolvem as temáticas contempladas com uma carga horária total de 40 horas, distribuídas da seguinte forma: Sexualidade e as relações entre os gêneros no contexto escolar (3 horas); Histórico da sexualidade (3 horas); Perspectiva sociocultural da sexualidade e corpo: matriz da sexualidade (4 horas); As relações entre os gêneros: conceitos e práticas (4 horas); Desenvolvimento da sexualidade na infância e masturbação e jogos infantis (5 horas); Diálogos sobre sexualidade com crianças (4 horas); Abuso sexual infantil (3 horas); Mídia e sexualidade infantil (4 horas); Sexualidade e diferenças (3 horas); Avaliação e socialização dos trabalhos temáticos finais (7 horas).

Os debates, as reflexões, as dinâmicas, os textos, os vídeos, as possibilidades didático-metodológicas, bem com os materiais pedagógicos³ do curso foram pautados nas discussões de gênero e sexualidade a partir da perspectiva teórica dos/das autores/ras: Louro (1995, 1998, 2007); Furlani, (2007, 2011); Figueiró (2004), dentre outros/outras, que discutiremos a seguir.

Ao término do curso, as professoras foram orientadas a construir um projeto ou atividade de intervenção⁴ com alunos da Educação Infantil ou anos iniciais do Ensino Fundamental sobre os temas tratados, sendo oferecida a possibilidade de aplicá-los em suas escolas.

³ BIANCO, R. **Boneca na Mochila**. [vídeo]. São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 1995. DVD, 25 min. som.; BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998.; FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 31-40.

⁴ Os critérios estabelecidos para as atividades de intervenção foram adaptados de um roteiro do curso Gênero e Diversidade na Escola, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2009, no âmbito do Programa de Formação de Professores/as em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.

Sexualidade humana e gênero: uma perspectiva histórica e cultural

Podemos nos valer de Prado e Machado (2008) para esclarecer que a sexualidade humana é uma dimensão da experiência social permeada por inúmeras questões. Através dela, todo um universo de desejos, crenças e valores são articulados, definindo um amplo espectro do que entendemos como sendo a nossa identidade.

Ainda, conforme os autores supracitados, a sexualidade não se faz à margem da história, muito pelo contrário,

[...] ela se fabrica no intercâmbio de significados e contextos que ocorre entre o “eu” e o “outro”, o “eu” e o “nós”, o “nós” e o “eles”, enfim, acontece na troca reinterpretativa de significados e interações sociais e institucionais que criam posições sociais e, conseqüentemente, posições identitárias e políticas (PRADO; MACHADO, 2008, p. 7).

Não só para educadores/as, mas para todos/as que se interessam pelo assunto, a temática sexualidade nunca foi e não tem sido algo tranquilo para se compreender, discutir e/ou abordar, por isso “a ausência dessa temática na quase totalidade dos cursos de formação de professores e a falta de tradição familiar na sua discussão” (FURLANI, 2007, p. 13). Além disso, a autora relata que os modelos de disciplinamento, de censura e de conservadorismo dos discursos sociais (religiosos, médicos, jurídicos, governamentais, escolares) não contribuem para a compreensão e a vivência da sexualidade humana.

A sexualidade envolve um processo contínuo, e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos uma percepção de quem somos. Esse é um processo que se desdobra em meio a condições históricas, sociais e culturais específicas. “Nascemos dotados de determinadas capacidades biológicas. Todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida. Por isso, as expressões da sexualidade humana são tão diversas” (BRASIL, 2009, p. 114-115). Neste sentido, as produções culturais, históricas e sociais permeiam os conceitos de sexualidade, e, também os de gênero, forjando a indissociabilidade desses temas.

Assumimos que os sujeitos se fazem homem e mulher, num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído por meio de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); o que nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (LOURO, 1995).

Nesse contexto, em todas essas afirmações está presente a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. Reconhecemos que a sexualidade e o gênero estão estreitamente ligados, cada um deles guarda suas especificidades e inscreve os sujeitos em sistemas de diferenciação diversos.

Enquanto o gênero aponta para as formas pelas quais sociedades e culturas produzem homens e mulheres e organizam e dividem o mundo em torno de noções de masculinidade e feminilidade,

a sexualidade tem a ver com as formas pelas quais os diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivem seus desejos e prazeres corporais, em sentido amplo (LOURO, 2007; WEEKS, 2007).

Aproximamos, portanto, gênero e sexualidade na medida em que assumimos que ambos são construídos culturalmente e, portanto, carregam a historicidade e o caráter provisório das culturas. Dessa forma, diferentes sociedades e épocas atribuem significados distintos às posições de gênero, à masculinidade, à feminilidade e também às várias expressões da sexualidade. Estes significados são atravessados ou marcados por relações de poder, e, usualmente, implicam em hierarquias, subordinações, distinções. É fundamental compreender que essas marcações não se fazem somente nos corpos dos sujeitos, não se expressam apenas nas suas vidas e práticas individuais, mas atingem, igualmente, as instituições, as normas e os arranjos das sociedades (LOURO, 2007).

Dessa forma, ao longo do curso, buscamos articular a experiência das cursistas com as produções das pesquisas, no âmbito do curso de Ciências Biológicas, que vem desenvolvendo estudos que articulam concepções de sexualidade e de gênero na formação docente (AQUINO, 2011; DINIZ, 2011; SILVA, 2011).

Sexualidade infantil e relações de gênero: desafios e possibilidades no contexto escolar

Partimos do pressuposto que, tal como ocorre com a sexualidade, haveria de se compreender o gênero como “um constructo histórico, como sendo produzido pela cultura, cambiante, carregado da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade” (LOURO, 2007, p. 210). A sexualidade e as relações de gênero são construídas e aprendidas como parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capazes de interferirem na alfabetização e no desempenho acadêmico. A escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e precisa investir na formação de professores/as para dar conta da tarefa (SUPLICY et al., 1994).

Na especificidade da Educação Infantil, verifica-se, no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCN), que a sexualidade é importante no desenvolvimento e na vida psíquica dos indivíduos, pois se relaciona ao prazer. Ela é entendida como algo que está presente desde o nascimento e manifesta-se de diversas formas nas várias fases da vida, sendo influenciada pela cultura e pela história (BRASIL, 1998).

Os RCN explicitam que a compreensão da “sexualidade como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças pode auxiliar o professor diante das ações exploratórias das crianças ou das perguntas que fazem a respeito do tema” (BRASIL, 1998, p. 19). A escola não é neutra nas construções/relações de gênero e participa sutilmente da construção da identidade de gênero como também a faz de forma desigual. Esse processo é iniciado nas primeiras relações da criança no ambiente coletivo da Educação Infantil (FINCO, 2003).

A sexualidade infantil ganha cada vez mais espaço nas discussões e estudos científicos, entretanto, frequentemente, as educadoras apresentam dúvidas, angústias e dificuldades para lidar com os temas já mencionados. Nesse contexto, ressalta-se a relevância de estabelecer-

se, no âmbito da formação docente, inicial e continuada, um amplo debate sobre esses temas, levantando subsídios para a elaboração de propostas pedagógicas, como recomenda os RCN.

Memórias

As produções desenvolvidas pelas professoras participantes do curso de extensão resultaram em um memorial, elaborado em forma de narrativa, sobre suas próprias experiências no curso.

Tendo em vista a abordagem qualitativa dos dados do memorial, esses foram analisados e seus conteúdos agrupados nas seguintes categorias de análise: Memórias: percepções, dúvidas, reflexões e dificuldades no contexto escolar; Contribuições nas práticas educativas; Sugestões para o curso.

Memórias: percepções, dúvidas, reflexões e dificuldades no contexto escolar

Pode-se perceber que as professoras da pesquisa reconhecem práticas no contexto escolar que estão permeadas de questões da sexualidade e relações de gênero: “vivenciamos no dia a dia a sexualidade aflorada, as diferenças de gêneros, a aceitação de escolhas sexuais” (Hortência, 2011); “a homossexualidade, a sexualidade e o abuso sexual, todos esses temas surgem no meu dia a dia na escola [...] a escola onde trabalho existe muito caso de abuso, pobreza, abandono e maus tratos” (Líria, 2011); “Ela ‘invade’ a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula” (Quaresmeira, 2011); “Eu trabalho com atividades manuais, e sempre aparecem crianças com essa concepção de que ‘homem não pode bordar’” (Orquídea, 2011).

Nesse contexto, uma professora ressalta a importância da discussão das temáticas de sexualidade e gênero no ambiente escolar, destacando a importância de que: “esse trabalho seja inserido no projeto político pedagógico da escola, e que se crie condições de melhor qualidade na abordagem de conteúdos posicionados com a sociedade” (Quaresmeira, 2011).

Entretanto, a escola ainda oferece uma série de resistências quando se fala em sexualidade, conforme destacado: “escutei que os temas dos cursos não devem ser discutidos na escola e que nem mesmo nós, professores, deveríamos estar fazendo esse curso. É muito complicado! Como as pessoas podem pensar que vivem em um mundo próprio que eu nem mesmo tento entender” (Líria, 2011).

Percebemos que a temática sexualidade, não tem sido algo tranquilo de discutir e/ou abordar no espaço escolar, este permeado por modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo, logo, hostilizando a compreensão e a vivência da sexualidade humana.

Apesar dos apontamentos, percebemos que as dúvidas, as curiosidades, as dificuldades, os questionamentos, dentre outros, fazem parte das práticas didáticas e pedagógicas das professoras: “Quando fui chamada para participar deste curso fiquei muito curiosa, pois há uma grande dificuldade de abordar certos assuntos” (Canela, 2011); “Decidi fazer este curso diante de dificuldades encontradas

em minha atuação, casos complexos, atitudes encontradas nos alunos e até mesmo em crianças do meu convívio pessoal” (Líria, 2011). A partir de curiosidade, dificuldades, casos complexos, abordagem das temáticas essas professoras decidiram investir em sua formação continuada.

A sexualidade é, segundo reflexões de Figueiró (2004, p. 124), “uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios para os educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar”. Os discursos das professoras e as reflexões da referida autora mostram que a prática docente na Educação Infantil lida no dia a dia com experiências (“menino brincando com boneca” (Canela, 2011); “meninos medindo o tamanho do pênis no banheiro” (Líria, 2011)), que são consideradas problemáticas, e, dessa forma, levam essas professoras a tomarem decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores sexuais.

É possível observar que o distanciamento do menino da matriz de masculinidade torna-se menos permitido, mais regulado e mais problemático. Enquanto os/as professores/as demonstrarem “pânico pedagógico” diante de um menino brincando com boneca, eles/elas estarão demonstrando sua homofobia e sua misoginia (FURLANI, 2011). Nesse sentido, podemos começar a pensar, como sugere Louro (1998) na impossibilidade de se ignorar a sexualidade quando se busca analisar e compreender questões educacionais, ou seja, parece impossível separar a escola dessa discussão, configurando-a em um espaço sexualizado e generificado.

Memórias: contribuições nas práticas pedagógicas

Os registros presentes no memorial apontam as contribuições trazidas pelo curso para que as professoras pudessem refletir suas práticas pedagógicas: “o aprofundamento teórico é de fundamental importância” (Quaresmeira, 2011); “apostilas, vídeos, discussões e palestras fui percebendo o quanto estava sendo válido para mim enquanto pessoa, esposa e professora, foi clareando dúvidas relacionadas com o assunto durante nossos encontros” (Ipê, 2011); “os textos lidos foram de uma valia enorme, contribuiu e fez abrir novos horizontes a fim de valorizar e agir de uma forma mais segura e precisa em relação as dúvidas existentes na sala de aula” (Crisântemo, 2011).

Ressaltamos que as contribuições mencionadas possibilitaram que as cursistas repensassem, organizassem e desenvolvessem ações pedagógicas nos seus ambientes escolares. Uma delas relata:

Tarefa escolar na minha sala de colorir a camisa do menino de vermelho e rosa, um menino disse “é de azul porque é menino”, e a menina disse: “não, existe camisa de todas as cores porque meu pai tem vermelha, roxa etc..”. Depois, logo em seguida, eu disse que as cores não têm nada a ver se é homem e mulher, vale para os dois. As cores são belas e todos gostam de todas, seja menino ou menina. Está sendo de grande importância para mim, tenho certeza que vou levar comigo para o resto da vida as experiências, mudou minha maneira de pensar e agir (Ipê, 2011).

O posicionamento dessa professora encontra respaldo em Drumond (2010):

Estas situações são cotidianas nas creches [...], e demonstram que as crianças pequenas ainda não foram totalmente tomadas por uma sociedade heteronormativa, que define um único modelo de feminino e de masculino ou de mulher e de homem, de menina e de menino (2010, p. 4).

De acordo com outra cursista:

Toda vida eu trabalho com eles assim; que o bordado é mais para eles desenvolverem a coordenação motora, e que pode vir a ajudá-los no futuro como se eles fossem médicos, dentistas, veterinários, etc., eles vão precisar do manejo com a agulha. E que a profissão não interfere em nada na vida sexual deles e dou exemplos como o médico, a médica, o cozinheiro, a cozinheira etc. (Orquídea, 2011).

Esse discurso remete aos dizeres de Finco (2003), em que destaca que o fato de um menino exercer práticas, convencionadas socialmente e ditas como femininas, não significa que ele terá uma orientação homossexual.

Embora essa temática seja muito contraditória, após eu começar a frequentar o curso muitas de minhas ideias sobre sexualidade foram mudadas. Inclusive o meu trabalho de conclusão de curso foi elaborado através da mudança do meu pensamento sobre meninos que brincam de boneca e gostam de objetos cor de rosa, antes eu achava um “absurdo” o meu aluno gostar de bonecas, agora, felizmente eu já consigo enxergar essa situação com outros olhos (Girassol, 2011).

Nesse contexto, devemos nos atentar, como reforça Furlani (2011) que os brinquedos infantis promovem a aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades, além de promoverem a socialização das crianças. Neste contexto deveríamos disponibilizá-los sem restrição ou qualquer segregação de acesso baseado no sexo da criança.

Com esses discursos, notamos que tais sujeitos consideraram que houve contribuição do curso para a sua prática cotidiana com seus/suas os/as alunos/as. Foi possível, também, perceber uma contribuição muito positiva, pois as professoras ao relatarem acerca do que o curso trouxe de relevante na sua formação o fizeram usando palavras que reforçam esta contribuição, como: “sinto mais segura para enfrentar a família, conscientizar os alunos e a direção”; “a maneira de pensar e agir perante algumas situações na sala de aula ficaram bem mais claras, de fácil entendimento e mais sábia na hora de enfrentar alguma situação que apareça”; “estou mais segura e certa na hora de agir”; “sou capaz de resolver problemas que antes eu seria incapaz de resolver por falta de informação e conhecimento sobre todos os assuntos abordados no curso”; “com certeza minha opinião e conhecimento não são mais os mesmos e me instigaram a conhecer melhor o assunto”; “o curso me inspirou a observar mais ainda nossos alunos, o cuidado com cada sinal e comportamentos observados”; “hoje posso responder as perguntas dos alunos com mais segurança”; “possibilitou em mim uma grande libertação que sentia de bloqueios relacionados à questão”; “aquisição de conhecimentos”; “aprendemos a lidar com a sexualidade de forma mais aberta, sem frustrações sobre o assunto”; “aprendi a ver uma realidade diferente sobre sexualidade”.

É neste contexto que há o reconhecimento da importância dessas temáticas e da necessidade de se pensar uma formação continuada de professores/as em que os/as mesmos/as atuem de forma consciente e profissional no atendimento das demandas e interesses dos/as alunos/as da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino fundamental sobre a sexualidade e as relações entre os gêneros.

Memórias: sugestões para o curso

Considerando os relatos das professoras sobre as percepções gerais propiciadas pelo curso de extensão de que participaram, bem como críticas e sugestões para melhorá-lo, foi possível perceber a valorização dada a esse espaço de reflexão: “que tenha continuação esse curso”; “sinto que por se tratar de um tema tão complexo e tão envolvente, gostaria de aprender mais sobre esse assunto, quem sabe uma segunda etapa do curso”; “gostei muito desde o início, pois pudemos discutir o tema de uma forma que nunca foi abordada em cursos oferecidos pelo CEMAP”.

O curso de extensão foi desenvolvido de modo a permitir o debate transversal sobre as temáticas de gênero e sexualidade (BRASIL, 1998). Para tanto, filiamos-nos nas bases teóricas destacadas nesse trabalho e enfatizamos a intenção de promover os debates articulado com a discriminação, estereótipos e diversidades sexuais, o que permitiu que as cursistas apre(ende)ssem sobre a sexualidade e as relações entre os gêneros como construções sociais e carregadas da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade” (LOURO, 2007).

Diante da revelação das professoras de que o curso de formação continuada foi enriquecedor para suas práticas, reafirmamos a necessidade da inserção dessas discussões nos currículos de formação de professores e na formação continuada de todos os profissionais da escola, algo também posto por uma das cursistas: “gostaria apenas de ressaltar que cursos como esse deveriam ser ministrados não só para os professores, mas em geral para toda comunidade escolar, inclusive os pais” (Girassol, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas narrativas encontradas nos memoriais, observamos que as professoras reconhecem que as relações entre os gêneros e a sexualidade estão imersas nas práticas escolares. Dessa forma, ressaltam a importância de discuti-las nesse espaço. Entretanto, a escola ainda oferece uma série de resistências quando se fala em sexualidade.

Os resultados apontaram que algumas professoras apresentavam curiosidades e dificuldades em suas ações pedagógicas quando se deparavam com situações como: “menino brincando com boneca” (Canela, 2011); “meninos medindo o tamanho do pênis no banheiro” (Líria, 2011). Em função disso, essas profissionais decidiram investir em sua formação continuada. O curso lhes trouxe contribuições, possibilitando-lhes repensar, organizar e desenvolver ações pedagógicas nos seus ambientes escolares.

Considerando os relatos das professoras sobre as percepções gerais propiciadas pelo curso

de extensão, bem como críticas e sugestões para melhorá-lo, envolvimento dos gestores escolares e pais e continuidade do curso, foi possível perceber a valorização dada a esse espaço da extensão e sua interface com a pesquisa, como propício e enriquecedor para as práticas pedagógicas, corroborando com a relevância dessas discussões nos currículos de formação de professores e na formação continuada de todos os profissionais da escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais às professoras participantes do curso de extensão e que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e a bolsista do projeto pela organização dos dados e acompanhamento das atividades extensionistas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. L. G. de. **Representações de sexualidade de professoras de Ciências da rede pública municipal de Cachoeira Dourada/MG**. 2011. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal / Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/ES em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CRUZ, E. F. Educação Sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadoras de creche/pré-escola. **Pro-Posições**, Campinas, v.14, n. 3, p.103-117, set./dez. 2003.

DINIZ, G. A. **Livro Didático de Ciências: uma análise a partir das relações de gênero**. 2011. 21f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal / Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2011.

DRUMOND, V. É de menina ou de menino? Gênero e sexualidade na formação da professora de educação infantil. In: FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Santa Catarina. **Anais...** São Paulo: UFSC, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. O professor como educador sexual: interligando formação de atuação

profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v.14, n.3, p.89-101, set./dez. 2003.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas a um começo na educação infantil e no ensino fundamental. In: _____. **Educação Sexual na escola: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2., n. 20, p. 101-132, jul.-dez. 1995.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998 (Cadernos Educação Básica 4).

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, L. M. M. **Sexualidade e formação docente: concepções dos/as futuros professores/as de Ciências e Biologia**. 2011. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal / Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2011.

SUPLICY, M. et al. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Submetido em 20 de dezembro de 2011.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2012.